

1.

Vi Lila pela última vez há cinco anos, no inverno de 2005. Íamos passeando pela rua larga de manhã cedo e, como acontecia havia anos, não conseguíamos sentir-nos à vontade. Lembro-me de que só eu falava. Ela cantarolava, cumprimentava pessoas que nem sequer lhe respondiam, as raras vezes em que me interrompia pronunciava apenas frases exclamativas, sem relação evidente com aquilo que eu dizia. Ao longo dos anos tinham acontecido demasiadas coisas desagradáveis, algumas delas horríveis, e para reencontrarmos a via da confiança teríamos de contar uma à outra pensamentos secretos, mas a mim faltava-me a força para encontrar as palavras e ela, que talvez tivesse essa força, não tinha vontade, não via utilidade nisso.

No entanto estimava-a muito e quando vinha a Nápoles tentava sempre encontrar-me com ela, embora, devo dizer, tivesse um certo medo disso. Ela mudara muito. A velhice já pesava sobre ambas, mas enquanto eu lutava contra a tendência para ganhar peso, ela mantinha-se pele e osso. Usava o cabelo curto, que ela própria cortava, e branco, não por opção mas por desleixo. O rosto, muito marcado, fazia lembrar cada vez mais o do pai. Ria-se por estar nervosa, era quase um guincho, e falava demasiado alto. Gesticulava sem parar, dando a cada gesto uma determinação tão forte que parecia querer cortar ao meio os prédios, a rua, os transeuntes, eu.

Íamos a passar em frente da escola primária quando um homem jovem que eu não conhecia nos ultrapassou à pressa e lhe gritou que fora encontrado o cadáver de uma mulher num canteiro ao lado da igreja. Apressámo-nos a seguir para o jardim e Lila arrastou-me para o ajuntamento de curiosos, abrindo passagem de qualquer maneira. A mulher estava deitada de lado, era extraordinariamente gorda, vestia um impermeável verde-escuro, fora de moda. Lila reconheceu-a imediata-

mente: era a nossa amiga de infância Gigliola Spagnuolo, ex-mulher de Michele Solara.

Não a via havia décadas. O rosto bonito estragara-se, os tornozelos eram enormes. Os cabelos, outrora castanhos, eram agora vermelho-fogo, compridos como os usava em rapariga, mas ralos e espalhados sobre o terriço remexido. Só um dos pés estava calçado com um sapato de salto baixo, muito gasto; o outro tinha apenas uma meia apertada de lã cinzenta, esburacada no dedo grande, e o sapato encontrava-se a um metro de distância, como se se tivesse descalçado quando ela mexera o pé ao reagir a uma dor ou a um susto. Comecei a chorar, Lila olhou-me com enfado.

Sentámo-nos num banco pouco distante e esperámos em silêncio que levassem dali Gigliola. O que lhe acontecera, como morrera, por enquanto não se sabia. Voltámos para casa de Lila, o velho e pequeno apartamento dos pais em que ela agora vivia com o filho Rino. Falámos da nossa amiga, ela disse-me mal dela, a vida que levava, as pretensões, as deslealdades. Mas agora era eu que não a escutava, pensava naquele rosto de perfil sobre o terriço, em como era ralo o cabelo comprido, nas manchas esbranquiçadas do couro cabeludo. Tantas pessoas que haviam sido crianças ao mesmo tempo que nós e que já não eram vivas, desaparecidas da face da terra por doença, porque os nervos não resistiram à lixa dos tormentos, ou porque o seu sangue fora derramado. Ficámos um pouco na cozinha, indolentes, sem que nenhuma das duas se decidisse a levantar a mesa, depois saímos de novo.

O sol daquele lindo dia de inverno dava um aspeto sereno às coisas. O bairro velho, ao contrário de nós, mantinha-se igual. As casas baixas e cinzentas, o pátio das nossas brincadeiras, a rua larga, as bocas escuras do túnel e a violência, tudo resistia ao tempo. A paisagem circundante, porém, mudara. A extensão verdosa dos paus já não existia, a velha fábrica de conservas desaparecera. No lugar de ambos viam-se agora os brilhos dos arranha-céus de vidro, em tempos sinais de um futuro radioso em que ninguém acreditara. Ao longo dos anos eu registara todas as mudanças, por vezes com curiosidade, quase sempre distraidamente. Em pequena imaginara que, fora do bairro, Nápoles apresentava maravilhas. O arranha-céus da estação central, por exemplo, impressionara-me muito décadas antes, pela forma como se elevava piso após piso, o esqueleto de um edifício que na época nos parecia altíssimo, ao lado da intrépida estação ferroviária. Como me surpreendia, quando passava pela Piazza Garibaldi: olha como é alto, dizia eu a Lila, a Carmen, a Pasquale, a Ada, a Antonio, a todos os companhei-

ros de então com quem me afastava até ao mar, à margem dos bairros dos ricos. Lá em cima, pensava, moram os anjos, e sem dúvida avistam toda a cidade. Como eu gostaria de o trepar, subir até lá acima. Era o *nosso* arranha-céus, embora se situasse fora do bairro, uma coisa que víamos crescer de dia para dia. Mas as obras tinham parado. Quando estava em Pisa e vinha a casa, o arranha-céus da estação, mais do que o símbolo de uma comunidade em renovação, parecia-me outro foco de ineficiência.

Naquele período convenci-me de que não havia grande diferença entre o bairro e Nápoles, a agitação circulava entre um lugar e o outro sem interrupção. A cada regresso encontrava a cidade sempre a esboçar-se, não aguentava as mudanças de estação, o calor, o frio, sobretudo os temporais. Primeiro fora a estação da Piazza Garibaldi que se alagara, depois fora a Galeria em frente do Museu que abatera, depois houvera uma derrocada, e a luz elétrica nunca mais voltava. Tinha na memória ruas escuras cheias de perigos, trânsito cada vez mais desordenado, o empedrado desconjuntado, grandes poças de água. Os esgotos sobrecarregados esguichavam, babavam-se. Catadupas de água, fluidos pútridos, lixo e bactérias precipitavam-se no mar, vindos das encostas cobertas de novas e frágeis construções, ou corroíam as zonas mais baixas. As pessoas morriam de incúria, de corrupção, de opressão, e todavia, cada vez que havia eleições, davam a sua entusiástica aceitação aos políticos que lhes tornavam a vida insuportável. Quando descia do comboio, dirigia-me com cautela para os lugares onde crescera, tendo a preocupação de falar sempre em dialeto, como se quisesse anunciar *sou um dos vossos, não me façam mal*.

Quando terminei a licenciatura, quando escrevi duma penada um conto que, de modo totalmente inesperado, numa questão de poucos meses se transformou num livro, as coisas do mundo de onde eu provinha pareceram-me ter piorado. Enquanto em Pisa, em Milão, me sentia bem, por vezes até feliz, na minha cidade, a cada regresso, temia que algo imprevisto me impedisse de fugir delas, e que as coisas que conquistara me fossem tiradas. Já não poderia ir ao encontro de Pietro, com quem devia casar-me em breve; ser-me-ia interdito o espaço limpo e bem organizado da editora; nunca mais poderia desfrutar das delicadezas de Adele, minha futura sogra, uma mãe como a minha nunca fora. Já noutros tempos a cidade me parecera apinhada, era uma multidão constante desde a Piazza Garibaldi até à Forcella, à Duchesca, ao Lavinio, ao Rettifilo. No final dos anos sessenta pareceu-me que a multidão crescera e que a intolerância e a agressividade estavam a alastrar de

modo incontrolado. Uma manhã dera um passeio até à Via Mezzocanone, onde trabalhara anos antes como caixeira de uma livraria. Fora lá por curiosidade, para rever o sítio onde trabalhara e sobretudo para dar uma olhadela à universidade, na qual nunca entrara. Queria compará-la com a de Pisa, com a Normale, tinha até esperança de encontrar os filhos da professora Galiani — Armando e Nadia — e de poder vangloriar-me daquilo que fora capaz de fazer. Mas a rua, os espaços universitários, causaram-me tristeza, estavam cheios de estudantes napolitanos e da província, e de todo o Sul, jovens bem vestidos, ruidosos, seguros de si, e jovens de modos grosseiros e ao mesmo tempo subservientes. Aglomeravam-se nas entradas, dentro das salas, em frente das secretarias onde havia longas filas, por vezes desordeiras. Três ou quatro andaram à pancada sem motivo aparente, a poucos passos de mim, como se tivesse sido suficiente verem-se, para explodirem em insultos e murros, numa fúria de homens que gritava a sua avidez de sangue num dialeto que eu própria tinha dificuldade em perceber. Fora-me embora à pressa como se algo ameaçador me tivesse tocado, num local que imaginava seguro, habitado apenas por boas razões.

Resumindo, cada ano me parecia pior. Naquela época de chuvas, a cidade fora uma vez mais ferida, um prédio inteiro inclinara-se sobre um dos lados, como uma pessoa que se apoia ao braço caruncho de um velho cadeirão e o braço cede. Mortos, feridos. E gritos, pauladas, bombas de papel. Parecia que a cidade remoía nas suas entranhas uma fúria que não conseguia libertar-se, e por isso a corroía, ou irrompia em pústulas à superfície, cheias de veneno contra todos, crianças, adultos, velhos, gente de outras cidades, americanos da NATO, turistas de todas as nacionalidades, os próprios napolitanos. Como se podia resistir naquele lugar de desordem e perigo, na periferia, no centro, nas colinas, debaixo do Vesúvio? Que impressão horrível me fizera San Giovanni a Teduccio, a viagem para lá chegar. Que impressão horrível me fizera a fábrica onde Lila trabalhava, e a própria Lila, a Lila com o filho pequeno, a Lila que, num prédio miserável, vivia com Enzo, embora não dormisse com ele. Disse que ele queria estudar o funcionamento dos computadores e que ela tentava ajudá-lo. Ficava gravada em mim a sua voz, a tentar apagar San Giovanni, os enchidos, o cheiro da fábrica, a sua situação, mencionando-me com simulada competência designações do género: Centro de Cibernética da Universidade Pública de Milão, Centro Soviético para a Aplicação dos Computadores às Ciências Sociais. Queria fazer-me crer que em breve surgiria um centro desse género também em Nápoles. Eu pensara: em Milão talvez, na União Soviética

sem dúvida, mas aqui não, aqui são loucuras da tua cabeça incontrolável, para as quais arrastas também o pobre e dedicado Enzo. Ir embora, isso sim. Pirarmo-nos dali para sempre, para longe da vida que havíamos vivido desde que nascêramos. Fixarmo-nos em sítios bem organizados onde tudo fosse de facto possível. Eu conseguira pôr-me a andar. Mas viera a descobrir, nas décadas que se seguiram, que me enganara, que se tratava de uma corrente cujos elos eram cada vez maiores: o bairro remetia para a cidade, a cidade para a Itália, a Itália para a Europa, a Europa para todo o planeta. E hoje vejo as coisas assim: não é o bairro que está doente, não é Nápoles, é o globo terrestre, é o universo, ou os universos. E a habilidade consiste em esconder, e em evitarmos ver, o verdadeiro estado das coisas.

Falei sobre isso com Lila naquela tarde, no inverno de 2005, com ênfase e como se quisesse admitir um erro. Queria reconhecer que ela compreendia tudo desde miúda, sem nunca ter saído de Nápoles. Mas envergonhei-me quase de imediato, senti nas minhas palavras o pessimismo irritadiço de quem está a ficar velho, aquele tom que sabia que ela detestava. Com efeito, mostrou-me os dentes envelhecidos, num sorriso que era um esgar nervoso, e disse:

«Armas-te em sabichona, disparas sentenças? Quais são as tuas intenções? Queres escrever sobre nós? Queres escrever sobre mim?»

«Não.»

«Diz a verdade.»

«Seria muito complicado.»

«Mas pensaste nisso, estás a pensar nisso.»

«Um bocadinho, sim.»

«Deves deixar-me em paz, Lenù. Deves deixar-nos em paz a todos. Nós o que temos é de desaparecer, não merecemos nada, nem Gigliola, nem eu, nem ninguém.»

«Isso não é verdade.»

Fez uma expressão feia de descontentamento e sondou-me com as pupilas que mal se viam, de lábios entreabertos.

«Está bem», disse, «escreve, se queres mesmo fazê-lo, escreve sobre a Gigliola, sobre quem quiseres. Mas a meu respeito não, não te atrevas, promete.»

«Não escrevo sobre ninguém, nem sobre ti.»

«Olha que eu tenho-te debaixo de olho.»

«Sim?»

«Vou vasculhar no teu computador, leio os teus ficheiros, apago-tos.»

«Essa agora!»